

AS DOCTRINAS DO BUDISMO

por Aleister Crowley

Tradução: Alan Michel Willms Quinot.
Título original: *The Doctrines of Buddhism*.
1ª edição: xx de agosto de 2011
2ª edição: 23 de março de 2019

Hadnu

<https://www.hadnu.org>

As Doutrinas do Budismo

Tendo se sentado por sete longos anos sob a árvore Bodhi, Gotama¹ abriu seus olhos e, percebendo o mundo de Saṃsāra², exclamou: “Quod erat demonstrandum³!” É verdade, ele atingiu o olho imaculado da Verdade e se tornou Buda o Iluminado; ele entrou no Nada do Nibbāna⁴, e tornou-se um com o Não-criado e o Indestrutível. E agora ele ficou mais uma vez na linha costeira da existência e viu as ondas da vida rolar em direção à terra, curvar, quebrar e chiar sobre a praia, apenas para voltar para o oceano de onde vieram. Ele não negou a existência do Divino, (como poderia já que se tornou um com ele?), mas ele estava tão repleto com a luz de Amitābha⁵, que ele percebeu completamente que somente pelo Silêncio o mundo poderia ser salvo, e que pela negação do Incognoscível do não-iniciado, o Kether, o Ātman, a Causa Primeira, o Deus dos não-iluminados, ele poderia ter a esperança de atrair a humanidade para aquela grande LVX ilimitável, da qual ele havia descido como um Adepto iluminado de Deus. Ele percebeu plenamente que admitir em seu argumento o comentário de Deus era apagar todas as esperanças de libertação do texto e, portanto, apesar de que ele tivesse se tornado O Buda, no entanto, em sua abnegação ele rebaixou-se ao nível dos mais baixos da humanidade, e abandonando como escória os poderes estupendos que adquiriu, ele ajudou seus semelhantes a perceber o caminho correto pelo mais universal de todos os símbolos — a desgraça do mundo, o sofrimento da humanidade.

Como os vedantistas, ele percebeu que o ponto crucial de todo o problema era a Ignorância (Avijjā). Dissipe essa ignorância, e a iluminação tomará seu lugar, essa introspeção sobre a verdadeira natureza das coisas, que, pouco a pouco, conduz o Aspirante para fora do mundo do nascimento e da morte, do mundo do Saṃsāra, para aquele Nibbāna inescrutável onde as coisas em si deixam de existir, e com elas os pensamentos que vão desenvolvê-las. A Ignorância é o maior de todos os Grilhões, e, “aquele que peca sem querer”, como Nāgasena disse, “tem o maior demérito”.

Perguntando-se sobre a natureza particular da Ignorância, Buda descobriu que a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal tinha três ramos principais, a saber: Lo-bha, Dosa e Moha⁶; Desejo, Paixão e a Ilusão do Self, e que estas três formas de Ignorância só poderiam ser conquistadas pelo entendimento correto dos Três Grandes Sinais ou Características de toda a Existência, a saber: Mudança, Sofrimento e Ausência

¹ «Versão páli do nome do Buda Gautama.»

² O mundo da inquietação e da transitoriedade, do nascimento e da morte.

³ «Latim para “como se queria demonstrar”.»

⁴ A Grande Consecução do Budismo. Nossa terminologia agora degenera na vulgaridade repugnante do dialeto páli. «Nibbāna é o páli para Nirvāna.»

⁵ A Luz Ilimitada dos budistas Mahāyāna. Comparada com o Nibbāna canônico, tem uma relação muito semelhante a ele, assim como o Ain Soph Aur, a Luz Ilimitável, tem com o Ain, o Que Existe negativamente. No Upaniṣad Bṛhadāraṇyaka 4. 4. 66. Brahman é chamado de “jyotiṣam jyotiṣ”, que significa “a luz das luzes” — uma concepção similar.

⁶ «Rāga, Dveṣa e Moha em sânscrito.»

de um Ego — Aniccā, Dukkha e Anattā⁷, que foram atingidas meditando-se sobre o significado mais profundo das Quatro Nobres Verdades:

“A Verdade sobre o Sofrimento; a Verdade sobre a Causa do Sofrimento; a Verdade sobre a Cessação do Sofrimento; e a Verdade sobre o Caminho que leva à Cessação do Sofrimento”. Estas consistem das Três Características acima mais o Nobre Caminho Óctuplo, que contém, como logo veremos, todo o cânone budista.

Até este ponto, exceto pela negação do Ego, toda a doutrina acima poderia ter sido extraída de praticamente qualquer um dos Upaniṣads. Mas há uma diferença, e a diferença é essa. Embora o vedantista tenha percebido que a Ignorância (Avidyā) era a base de todo o Sofrimento, e que tudo, possuindo a essência da Mudança, era apenas ilusão ou Māyā, uma questão de nome e forma⁸; Buda agora demonstrou que o verdadeiro caminho para a libertação era através da Razão (Ruach) e não através dos sentidos (Nephesh), como muitos dos Upaniṣads levariam a crer. Além disso, este foi o caminho que Gotama trilhou, e, portanto, naturalmente rogava outros a percorrê-lo. O vedantista tentou atingir a unidade com o Ātman (Kether)⁹ por meio de suas Emoções (Nephesh) inter-relacionadas com a sua Razão (Ruach), mas o Buda só por meio de sua Razão (Ruach). Buda tentou cortar toda a alegria do mundo, substituindo-a por um racionalismo implacável, uma moralidade austera e inflexível, pouco vendo que os sofrimentos da Terra que seu sistema colocou no lugar das alegrias do Céu, embora possam não perturbar o seu self auto conquistado, devem perturbar as mentes de seus seguidores, e produzir emoções de uma intensidade quase igual embora talvez de caráter oposto às de seus adversários. Mesmo assim, no entanto, por um tempo, o Racionalismo inflexível de seu Sistema prevaleceu e esmagou as Emoções de seus seguidores, essas Emoções que encontraram um solo tão rico e fértil na filosofia decadente do antigo Vedānta. A afirmação no Dhammapada de que: “Tudo o que somos é o resultado do que nós pensamos: é fundado sobre os nossos pensamentos, é composto por nossos pensamentos:”¹⁰ é igualmente verdade pro Vedānta e pro Budismo. Mas, no primeiro temos a grande doutrina e prática dos Siddhiḥs diretamente atribuíveis a um domínio das emoções e então ao uso das mesmas, o que é estritamente proibido para o budista, mas que, eventualmente, sob o Budismo Mahāyāna da China e do Tibete, se forçou mais uma vez ao reconhecimento, e que, mesmo na época da escrita de “As Perguntas do Rei Milinda”, a menos que a bela história da cortesã Bindumati seja uma interpolação mais

⁷ «Anitya, Duḥkha e Anātman em sânscrito.»

⁸ Vimos como no Upaniṣad Chāṁdogyo que todas as coisas, incluindo até mesmo os quatro Vedas, são chamadas de “nāma eva” — mero nome. Agora, em “As Perguntas do Rei Milinda” encontramos Nāgasena afirmando todas as coisas apenas como “nome e forma”, a diferença entre os quais encontra-se em que “Tudo o que é denso, nele está a ‘forma:’” o que é sutil, mental, é “nome”. Mas que ambos são dependentes um do outro, e nascem, não separadamente, mas juntos. “As Perguntas do Rei Milinda”, ii. 2. 8.

⁹ Não deve ser esquecido que, em sua interpretação final, o Ātman é o Ain, no entanto, usamos essa leitura o mais raramente possível, já que é tão vaga.

¹⁰ Dhammapada, v. 1.

recente, foi altamente pensado sob o nome de um “Ato de Verdade”. Assim, embora o Rei Sivi tenha dado os olhos para o homem que implorou por eles, ele recebeu outros por um Ato de Verdade, pelo dom de Siddhiḥ, ou Iddhi, como os budistas chamam. Um Ato, que é explicado pela leal cortesã Bindumati, como se segue. Quando o Rei Asoka lhe perguntou por qual poder ela havia feito as águas do Ganges correrem para trás. Ela respondeu:

“Ó Rei, todo aquele que me dá ouro — seja ele um nobre, ou um brâmane, ou um comerciante, ou um servo — eu considero todos iguais. Quando vejo que ele é um nobre eu não faço nenhuma distinção a seu favor. Se eu sei que ele é um escravo eu não o desprezo. Livre tanto da bajulação quanto da antipatia, eu presto o serviço para quem me contratou. Isso, vossa Majestade, é a base do Ato da Verdade pela força do qual eu fiz o Ganges correr para trás.”¹¹

Em outras palavras, ignorando todos os acidentes, todas as questões do acaso, e pondo-se a trabalhar, sem favor ou preconceito, para realizar o objetivo único em vista, e assim, finalmente, “interpretar todo fenômeno como um trato particular de Deus com a alma”. Na verdade este é um “Ato de Verdade”, o Poder gerado através da Concentração e nada mais.

Vimos no início deste capítulo como o Ātman (essa Essência além do Ser e Não Ser) alegoricamente caiu ao bradar “Isso sou eu”, e como a grande Hipocrisia surgiu supondo Ātmans individuais para todos os seres, e coisas que tinham que encarnar de novo e de novo antes de finalmente serem engolidas no Ātman Único do Princípio. Gotama banuiu esta Concepção Individualista, ele não teria nada dela; uma Alma, um Espírito, uma entidade separada era anátema para ele; mas ao derrubar o Vedānta corrupto dos especialistas de antigamente, de forma parecida com Lutero, que muitos séculos depois rasgou as vaidades de mau gosto da Roma prostituta, aproximando a sua Igreja reformada da irmandade comum de Cristo, Gotama, o Iluminado, o Buda, da mesma forma agora voltou aos tempos védicos e à sabedoria dos Rishis antigos. Mas, temendo as associações malignas apegadas a um nome, ele, anatematizando o Ātman, em seu lugar escreveu Nibbāna, que de acordo com Nāgasena é cessação¹², um falecimento em que nada permanece, um fim¹³. Logo, porém, sob o Budismo Mahāyāna, o Ātman seria revivido em toda a sua glória antiga sob o nome de Amitābha, ou aquela Fonte de toda Luz, que tanto ilumina um homem que aspira ao Bodhi que ele se torna um Buda. “Amitābha”, assim Paul Carus nos informa, “é a norma final da sabedoria e

¹¹ “As Perguntas do Rei Milinda”, iv, 1, 48. Veja também a história da Codorna Sagrada no “Buddhist Birth Stories” de Rhys Davids, p. 302. Estes Iddhis também são chamados de Abhijñās. Existem seis deles: (1) clarividência; (2) clariaudiência; (3) poderes de transformação, (4) poderes de recordar vidas passadas; (5) poderes de ler os pensamentos dos outros; (6) o conhecimento da compreensão da finalidade do fluxo da vida. Consulte também “Konx Om Pax,” pp. 47, 48.

¹² “As Perguntas do Rei Milinda”, iii, 4, 6.

¹³ *Ibid.*, iii, 5, 10.

da moralidade¹⁴ (*sic*), o padrão da verdade e da justiça, o *raison d'être*¹⁵ ultimal da Ordem Cósmica”. Isso, é claro, é “tolice”. Amitābha, assim como o Ātman, é “a luz que brilha lá além do céu por trás de todas as coisas, por trás de cada coisa nos mais altos mundos, o mais alto de todos”¹⁶.

Uma vez tendo logicamente esmagado a ideia de uma alma individual, tiveram que ser postos de lado um Deus pessoal e então um Deus impessoal, e com eles a ideia de uma Primeira Causa ou Princípio; pergunta a respeito da qual Buda se recusou a dar uma resposta. Pois, ele viu bem, que a ideia de um Deus Supremo era o maior dos demônios com cara de cão que seduziam o homem para fora do caminho. “Não existe Deus, e eu me recuso a discutir o que não existe!” afirma Buda, “mas há o Sofrimento e pretendo destruí-lo”. Se eu pudesse apenas levar as pessoas a começar a jornada de ascensão, eles muito em breve deixariam de se importar se há um Deus ou se há um Não-Deus; mas se eu lhes dou a menor razão para esperar qualquer recompensa exceto a cessação do Sofrimento, seria colocá-las a cacarejar sobre o futuro como galinhas sobre um ovo de porcelana, e logo estariam de volta ao velho jogo de contar com suas galinhas antes que os ovos chocassem. Ele também deve ter visto que, se ele postulasse um Deus, ou Primeira Causa, todo racionalista imaturo em Pāṭaliputra clamaria, “Ó, mas que Deus, que Deus perverso deve ser o seu, que permite este sofrimento do qual você fala... agora olha o meu...” pouco percebendo que o sofrimento era exatamente o mesmo com ou sem a ideia de Deus, e que tudo de fato era Moha ou Māyā — tanto Deus quanto Não-Deus, Sofrimento e Alegria.

Mas Buda sendo um médico prático, embora soubesse que o sofrimento era apenas uma forma de pensamento, foi bastante cuidadoso para mantê-lo como uma calamidade tão real quanto ele podia; pois ele viu bem que, se ele apenas pudesse levar as pessoas a concentrar-se sobre o Sofrimento e suas Causas, que o final não poderia estar longe, tanto do Sofrimento quanto da Alegria; mas, se eles comessem a especular sobre o seu caráter ilusório, esta feliz libertação sempre permaneceria distante. Seu negócio sobre a Terra era inteiramente prático e exotérico, de nenhuma forma místico; era racional, não emocional; católico e não secreto.

Qual é, então, a Causa do Sofrimento? e a resposta dada por Gotama é: Karma ou Ação, que uma vez concluída, torna-se latente e estática, e de acordo com como foi realizada, quando mais uma vez tornar-se dinâmica, é o seu efeito resultante. Assim, uma boa ação produz uma boa reação, e uma ação má produz uma reação má. Isto pressupõe um código de moral, provido de quê¹⁷? Não podemos chamá-lo de Ātman,

¹⁴ É curioso como, inversamente de acordo com a quantidade de moralidade pregada é a moralidade praticada na América; na verdade, já há quase tantos escritores morais quanto leitores imorais. Paul Carus é tão completamente ignorante do budismo quanto é sobre cuidar de bebês — ele escreveu sobre estes dois temas e muitos mais, todos flatulentamente.

¹⁵ «Francês para “razão de ser”.»

¹⁶ Chāṃdogyo, 3, 13, 7.

¹⁷ Vinte e três séculos mais tarde, Kant, debruçando-se sobre este ponto crucial, postulou suas “doze categorias”, ou

Consciência, ou Alma; e um Poder Seletivo, que, no entanto, é veementemente negado pela lei rígida de Causa e Efeito. No entanto, os olhos mentais da grande maioria de seus seguidores não estavam tão claros para perfurar a escuridão da filosofia metafísica, e assim aconteceu que, onde o idealismo do Vedānta falhou, o realismo do Budismo teve sucesso¹⁸.

Esta negação de um Ātman Universal, e um Ātman pessoal, logo trouxe os argumentos éticos e filosóficos de Gotama contra uma parede de tijolos (o “à priori” de Kant). Como vimos, ele não poderia sustentar um princípio¹⁹ fictício pela suposição do primeiro, e ele não se atreveu a usar Nibbāna como tal, embora na verdade o Princípio seja tão incompreensível com ou sem um Ātman. Mas, apesar de ele ter negado o primeiro, ele tinha de levar em conta a Causalidade e a transmissão de seu Bom e Mau (Karma) de uma maneira ou de outra. Agora, de acordo com Nāgasena, o Abençoado se recusou a responder a quaisquer perguntas do tipo “O universo é eterno?” “Não é eterno?” “Tem um fim?” “Não tem um fim?” “É tanto findável quanto infindável?” “Não é nem um nem o outro?” E ainda a todas as perguntas como: “A alma e o corpo são a mesma coisa?” “A alma é distinta do corpo?” “Será que um Tathāgata existe após a morte?” “Será que ele não existe após a morte?” “Será que ele tanto existe quanto não existe após a morte?” “Será que ele nem existiria e nem não existiria após a morte?” ... Porque “os Budas Abençoados não levantam suas vozes sem um motivo e sem um objetivo”²⁰. Mas apesar de não haver nenhuma *alma* “no sentido mais elevado”²¹, Gotama teve que postular algum veículo que transmitiria o sofrimento de uma geração a outra, de um instante de tempo ao próximo; e, não sendo capaz de usar a ideia familiar de Ātman, ao invés disso ele fez com que a de Karma exercesse uma função dupla. “Ele não morre até que aquele Karma maligno seja esgotado”, diz Nāgasena²².

Agora isso nos leva a uma questão extraordinariamente complexa, ou seja, qual é a diferença *prática* entre o Karma sem Ātman dos budistas, e o Karma com Ātman dos antigos vedantistas?

A ideia brâmane era, a princípio, a de um todo completo, este, conforme o comentário suplantou o texto, se desgastou em inúmeras unidades ou Ātmans, que, por

devemos dizer “emanações”, e assim começou a girar mais uma vez a Roda da Fortuna Sefirótica.

¹⁸ Apesar do fato de que o Budismo insiste que “o mundo inteiro está sob a Lei de Causalidade”, comanda seus seguidores a levar uma vida pura e nobre ao invés de desonrosa, apesar de não terem nenhuma liberdade de escolha entre o bem e o mal. “Não nos percamos em especulações vãs sobre sutilezas inúteis”, diz o Dhammapada, “entreguemos o self e toda a abnegação, e como todas as coisas estão fixadas pela causalidade, pratiquemos o bem de modo que o bem resulte de nossas ações”. Como se pudesse ser feito já que “*todas as coisas estão fixadas*”. O budista, em teoria tendo postulado que todas as galinhas põem ovos duros de cozinhar, adiciona, o homem ideal é aquele que só pode fazer omeletes.

¹⁹ «No sentido de começo, origem.»

²⁰ “As Perguntas do Rei Milinda”, iv, 2, 5.

²¹ *Ibid.*, iii, 5, 6.

²² *Ibid.*, iii, 4, 4.

conta de Karma, nasciam de novo e de novo até que o Karma fosse esgotado e o Ātman individual retornasse ao Ātman universal. Buda, apagando o Ātman, apesar de ter se recusado a discutir o Princípio, postulou Nibbāna como o fim, fato que por outro lado também postula o Princípio como o Nibbāna. Portanto, temos todas as coisas provindo de um sinal x , Ātman, Nibbāna, Deus, Ain ou Primeira Causa, e, eventualmente, retornando a este Equilíbrio primordial. A dificuldade que agora permanece é construir uma ponte entre estes meios divididos. Para Gotama não há unidade, e a existência por si é Ignorância causada como se fosse por um sonho ruim na cabeça do Nibbāna indefinível; que por si só, entretanto, é não-existente. Cada homem é, por assim dizer, um pensamento em um cérebro universal, cada pensamento chocando contra o próximo e prolongando o sonho. Conforme cada pensamento individual morre, ele adentra Nibbāna e deixa de ser, e, eventualmente, quando todos os pensamentos morrerem o sonho passa e Nibbāna acorda²³. Este sonho ruim parece ser causado por uma separação entre Sujeito e Objeto, o que significa Sofrimento; quando o sono desaparece essa separação desaparece com ele, as coisas assumem a sua proporção correta e podem ser equiparadas a um estado de bem-aventurança ou não-Sofrimento.

Assim, descobrimos que Nirvāṇa e Nibbāna são o mesmo²⁴ tanto em fato

²³ Compare com o “Upaniṣad Māṇḍūkya”, I, 16.

Na ilusão infinita do universo
A alma dorme; quando se desperta
Então ali acorda o Eterno
Livre do tempo e do sono e dos sonhos.

²⁴ A maioria dos budistas dará um uivo terrível quando ler isso; mas, apesar de sua declaração de que o Nirvāṇa hindu, a absorção em Brahman, não corresponde ao seu Nibbāna, mas sim a seu quarto Arūpa-Vimokṣa, nós, no entanto, mantemos que o Nirvāṇa e o Nibbāna em essência são o mesmo, ou em detalhe, se a lógica for necessária em um argumento tão ilógico, certamente tomou mais partido com Nirvāṇa do que Nibbāna. O Nibbāna é Final, diz o budista, uma vez que um indivíduo entre nele não há como sair novamente, na verdade, uma espécie de Prisão Espiritual, pois é Niccain, imutável; mas certamente Brahman não é isso, pois todas as coisas no Universo originaram-se dele. Isto é como deveria ser, no entanto, vemos pouca diferença entre proceder de e proceder para, quando se trata de uma questão de Primeira e Última Causas. A única razão pela qual o budista não cai na armadilha é, não porque ele tenha explicado Brahman, mas porque ele se recusou a discuti-lo de qualquer modo. Além disso, o budista argumenta que mesmo que o hindu atinja pela exaltação de sua individualidade o Arūpabrahmaloko, mesmo assim por um período incalculável ele iria permanecer lá, até que no final o Karma, uma vez mais exerceria seu domínio sobre ele, “e ele morreria como um Arūpabrahmaloko-Devā, seus Saṅkhāras dando origem a um ser de acordo com a natureza de seu Karma inesgotado”. No “Buddhism”, vol. i, No. 2, p. 323, lemos: “Falando de outra maneira; você diz que o Universo veio de Brahman, e que em um momento não havia nada exceto Brahman. Então ‘No princípio o Desejo surgiu nele, que foi o germe primordial da Mente’. De onde é que esse desejo vem, se o Brahman era Tudo, e era o Imutável. ... Novamente, se o Brahman era Tudo, e era perfeito, então qual foi o objetivo desta emanção de um Universo cheio de Sofrimento?” O vedantista naturalmente responderia a isso: “Falando de outra maneira: você diz que o Universo irá para o Nibbāna, e que em um momento não haverá nada exceto o Nibbāna. Então no final o Desejo morre nisso que foi o germe primordial da mente. Para onde esse desejo irá, se Nibbāna será o Tudo, e o Imutável? ... Novamente, se Nibbāna será o Tudo, e será perfeito, então qual será o objetivo desta emanção de um Universo cheio de Sofrimento?” Isso tudo é o mero disparate de um ateu do Hyde Park ou de um pregador da Christian Evidence Society. Admitidamente, o Brahman hindu é racionalmente ridículo, no entanto, é mais racional supor uma cadeia contínua de universos repletos de Sofrimento e estados de esquecimento do que um inexplicado Estado de Sofrimento e uma inexplicável Finalidade. É tão racional ou irracional perguntar de onde “Brahman” veio, quanto perguntar de onde o “Karma” veio. Ambos são ilusões, e como a discussão do mesmo só irá criar uma confusão maior do que nunca, cortemos o nó górdio, deixando-o em paz, e preparemo-nos para nos tornar Arhats, e entrar na casa que tão misteriosamente está diante de nós, e ver o que realmente há dentro dela, em vez de devanear no quintal e especular sobre o seu conteúdo, seus móveis, o tamanho dos seus quartos, e todas as senhoras bonitas que os escândalos ou os

quanto em etimologia, e que a absorção em qualquer um dos dois pode ser considerada como re-entrar naquele Equilíbrio do qual originamos.

As primeiras e as últimas palavras foram escritas sobre esta absorção final tanto pelo vedantista quanto pelo Buda de forma parecida.

Ali nenhum sol brilha, nenhuma lua, nem estrelas cintilantes, nem relâmpagos além, o fogo da terra é apagado; dele, o único que brilha, tudo empresta seu brilho, o mundo inteiro irrompe em esplendor em seu brilhar²⁵.

E —

Existe, Ó Irmãos, um Reino onde não há nem Terra nem Água nem Chama nem Ar; nem o vasto Éter nem a Infinitude do Pensamento, nem o Vazio Absoluto nem a coexistência da Cognição e Não-cognição está lá: — nem este Mundo nem Outro, nem Sol nem Lua. Aquilo, Irmãos, declaro-vos nem como um Tornar-se nem como um Falhar: — nem Vida nem Morte nem Nascimento; Inencontrável, Imutável e Sem-cause: — Aquilo é o fim do Sofrimento²⁶.

Gotama, portanto, teve de se safar. Inquestionavelmente a ideia de Alma deve partir, mas a fim de explicar a lei Universal da Causalidade, o Karma deve permanecer, e, ainda, sorratamente realizar todos os antigos deveres que o Ātman portava. Ele havia abandonado o animismo de uma civilização baixa, é verdade, mas ele não conseguiria, por uma falta de isenção da própria moralidade, abandonar o fetiche de uma civilização um pouco superior, a saber, a ética. Ele viu que, embora a humanidade estivesse cansada de ser governada por Espíritos, eles estavam muito ansiosos para serem governados por Virtudes, que dava a aqueles que mantiveram essas qualificações fictícias um ponto de vista seguro de que cercariam aqueles que não tinham. Portanto, ele banuiu a Reencarnação e a Alma e os substituiu pela Transmigração e pelo Karma (Ação), os Saṅkhāra ou Tendências que formam o caráter (individualidade!) do indivíduo.

Ānanda Metteya em “Buddhism”²⁷, explica a transmigração em contraposição à reencarnação como se segue. Dois homens estavam na margem de um lago observando as ondas vindo em direção à terra. Para aquele que não é versado em ciência parece que aquela que estava viajando em direção a ele mantém sua identidade e forma, é para ele como uma massa de água que se move sobre a superfície impelida pelo vento.

rumores supõem que abriga. Ao trabalho! sobre o muro do jardim, e com o choro de Romeu:

Posso prosseguir quando o meu coração está aqui?
Volta, terra maçante e descobre teu centro.

²⁵ Upaniṣad Kaṭha, 5, 15.

²⁶ O Livro dos Enunciados Solenes «O Udāna».

²⁷ Vol. i, No. 2, p. 293.

O outro, que tem uma mente cientificamente treinada, sabe que em cada ponto sobre a superfície do lago as partículas de água estão apenas subindo e depois caindo em seu lugar, que cada partícula, por sua vez, está repassando seu movimento para as suas vizinhas. Para o primeiro há uma tradução de matéria, para o segundo de força. “O vedantista viu a Substância, um princípio permanente, um Ens; o budista só as Qualidades, elas mesmas em todos os seus elementos sempre mudando, mas a soma total de sua Ação seguindo seu caminho firmemente, até que a onda quebra sobre a praia do Nibbāna, e não é mais uma onda para sempre”.

Nós não temos espaço para criticar isso, tudo o que perguntamos é — qual é a diferença entre Força e Matéria, e se a aniquilação de uma não carrega com ela a aniquilação da outra, independentemente de qual seja a primeira — se alguma for?

Ānanda Metteya leva sua ilustração ainda mais longe.

John Smith, então, em certo sentido, é imortal; ou melhor, cada pensamento que ele pensa é imortal, e continuará a existir, em algum lugar, nas profundezas do infinito. ... Mas não é esta parte de sua energia que resulta na formação de um novo ser quando ele morre. ... Podemos então considerar o momento da morte de John Smith. ... Durante sua vida ele não tem posto a vibrar sozinho o grande oceano do Éter, ele afetou a estrutura de seu próprio cérebro. De modo que, no momento de sua morte toda a sua própria vida, e todas as suas vidas passadas, são retratadas existentes em uma definição e estrutura molecular característica, uma representação tremenda e complicada de tudo o que quisemos dizer pelo termo John Smith — o registro dos pensamentos e ações de incontáveis vidas. Cada célula das milhões de seu cérebro pode ser comparada a uma Garrafa de Leiden²⁸ carregada, os caminhos dos nervos irradiando dele logo vibram com suas descargas, carregando o seu significado através do corpo do homem, e, através do Éter, até a infinitude do espaço. Quando está funcionando normalmente, a sua descarga total é impedida, de modo que nunca a qualquer momento mais do que uma fração de sua energia armazenada possa ser dissipada. ... E então a Morte vem; e no momento da sua vinda, toda aquela energia trancada flameja no universo como uma estrela recém-nascida²⁹.

Então Ānanda Metteya demonstra em uma longa e lúcida explicação como a luz de uma chama emitindo a luz amarela do sódio pode ser absorvida por uma camada de vapor de sódio, assim o Karma, liberado do corpo do homem morto, circulará por aí até encontrar o corpo de uma criança recém-nascida afinado ou sintonizado com suas ondas particulares.

Agora nós não estamos preocupados com dispersas crianças que como os re-

²⁸ «Um dispositivo primitivo que armazena cargas elétricas.»

²⁹ Buddhism, vol. i, No. 2, p. 299, abridged.

ceptores de um telégrafo sem fio captam mensagens boas ou más; mas é um fato interessante saber que pelo menos alguns budistas ortodoxos atribuem poder tão complexo e considerável ao cérebro, que pelo fato de deixar um corpo esse corpo perece, e de entrar em outro corpo ele revive. Será que retornamos ao nosso velho amigo, o Prāna, que na sua forma individual se assemelha tanto ao Karma individual, e em sua totalidade à totalidade do Nibbāna? Voltemo-nos para o Upaniṣad Brihadaranyaka. Lá no 1, 6, 3. encontramos uma fórmula mística que se lê *amṛtam satyena channam*. Isso significa “O imortal (Brahman) velado pela realidade (empírica)”; e imediatamente depois disso é explicado da seguinte forma: “O Prāna (ou seja, o Ātman) que sabe é o imortal, nome e forma são a realidade; por estes o Prāna é velado”. Mais uma vez estamos de volta ao nosso ponto de partida. Se tornar um com o Prāna ou Ātman é entrar no Nibbāna, e assim como os meios que levam aos anteriores consistiam em exercícios de concentração, tais como Prāṇāyāma, etc.; assim também agora encontraremos exercícios quase idênticos utilizados para levar o Aspirante ao Nibbāna.

Frater P. estava agora bem familiarizado com a Filosofia do Yoga, além disso ele estava começando a sentir que o Animismo cru empregado por muitos de seus expoentes correlacionava assustadoramente com suas conseqüências. Quanto mais próximo ele chegava do Ātman, menos ele parecia refletir aquilo que ele havia sido ensinado a esperar. De fato, a sua tradução para comentários mundanos era uma questão de educação, então aconteceu que ele descobriu que a Grande Conseqüência em si era idêntica em todos os sistemas independentemente do símbolo que o homem procurava. Assim, Javé como um falo de argila em uma chapeleira era tão real para os Judeus do Gênesis quanto Brahman no Brahma-loka era para os árias da Índia védica; que a visão de Moisés quando viu Deus como uma sarça ardente é semelhante à visão do Corcel de fogo dos Oráculos Caldeus; e que Nibbāna o Não-existente é pouco diferente, isso se for, do céu cristão com suas harpas, auréolas e anjos pairando. E a razão é que o homem que atinge qualquer um desses estados, em seu retorno à consciência, imediatamente atribui sua conseqüência ao seu parceiro de negócios em particular — Cristo, Buda, a Sra. Besant³⁰, etc., etc., e tenta racionalizar sobre o suprarracional, e descrever o que está além da descrição na língua de sua nação.

P., sob a gentil orientação de Ānanda Metteya, num primeiro momento achou a simplicidade exterior mais refrescante, mas logo ele descobriu que, como todos os outros sistemas religiosos, o Budismo era enredado em uma verdadeira teia de palavras. Percebendo isso, ele deu um passo além do de Gotama, e disse: “Afinal, por que se preocupar com Sofrimento, ou com Transmigração? pois estas não são ‘observâncias erradas’, como Mr. Rhys Davids tão poeticamente colocaria, mas assuntos do Parquinho e não do Templo; assuntos para regulamentação da polícia, e para vigários mal pagos discutirem, e assuntos que não têm nada a ver com o verdadeiro progresso”. Então ele dividiu a vida em dois compartimentos; no primeiro ele jogou a ciência, o

³⁰ «Annie Wood Besant, membro proeminente da Sociedade Teosófica.»

aprendizado, a filosofia e todas as coisas feitas de palavras — os brinquedos da vida; e no segundo As Invocações de Adonai — o trabalho da consecução.

Então ele deu mais um passo à frente. “Faze como tu queres!”³¹ Não só é o Animismo absurdo, como também é a Moralidade; não só é a Reencarnação absurda, como também é a Transmigração; não só é o Ego absurdo, como também é o Não-Ego; não só é o Karma absurdo, como também é o Nibbana. Pois todas as coisas e não-coisas são absurdas exceto “eu”, que sou Alma e Corpo, Bom e Mau, Sofrimento e Alegria, Mudança e Equilíbrio; que no templo de Adonai, estou além de todas estas, e pela lareira de meu estudo — Sr. X, um com cada e com todos.

Assim aconteceu que o estudo do Budismo fez Frater P. abandonar o falso esplendor do Vedānta, bem como suas próprias quinquilharias amadas, e o induziu, mais do que nunca, a confiar no Trabalho e somente no Trabalho, e não em filosofar, moralizar e racionalizar. Quanto mais racional ele se tornava, menos ele racionalizava exteriormente; e quanto mais ele tornava-se dotado com o Espírito do Buda ao invés dos vapores do Budismo, mais ele via que o esforço pessoal era a chave; não as Escrituras, que na melhor das hipóteses poderia apenas indicar o caminho.

Ele (o Dharma) deve ser atingido pelos sábios, cada um para si. A Salvação se apoia no Trabalho, e não na Fé, não em reformar os assim chamados caídos, mas em conquistar a si mesmo. “Se um homem conquista em batalha mil vezes mil homens: e outro conquista apenas a si mesmo; — ele é o maior dos conquistadores”³².

Este é o resumo do Budismo, assim como é de todos e quaisquer sistemas de autocontrole.

O Esforço é o Caminho Imortal — a preguiça é o caminho da morte. O Esforçado vive sempre, — os preguiçosos já são como mortos³³.

Impermanentes são as Tendências — portanto, entregai-vos ao Esforço.

Frater P. agora percebeu mais claramente do que nunca que este último comando de Buda era a coisa mais supremamente importante que ele disse.

³¹ «Está “Do as thou wilt” no original, ao invés do tradicional “Do what thou wilt” – Faze o que tu queres.»

³² Dhammapada, v, 103.

³³ Dhammapada, v, 21.

Notas desta Tradução

As Doutrinas do Budismo foi escrito por Aleister Crowley e publicado originalmente como *The Doctrines of Buddhism*, como uma parte de *The Temple of Solomon the King*, nas páginas 125 a 141 do *The Equinox* Vol. I N° 4, em setembro de 1910.

A presente tradução foi feita com base em um fac-símile do texto original.

Os termos indianos foram modernizados de acordo com o sistema de romanização da Biblioteca Nacional de Calcutá.

As notas entre «ângulos duplos» foram escritas pelo tradutor.